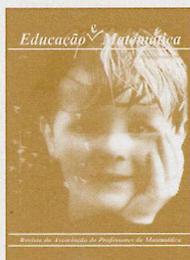


n.º 80  
Novembro/  
Dezembro  
de 2004



## Um ponto de situação necessário

João Pedro da Ponte

### EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

*Directora*

Ana Paula Canavarro

*Subdirectora*

Adelina Precatado

*Redacção*

Alice Carvalho

António Fernandes

Elisa Figueira

Fátima Guimarães

Helena Amaral

Helena Fonseca

Helena Rocha

Isabel Rocha

Joana Brocardo

Lina Brunheira

Manuela Pires

Maria José Boia

*Colaboradores Permanentes*

A. J. Franco de Oliveira

*Matemática*

Branca Silveira

*“Tecnologias na Educação Matemática”*

José Paulo Viana

*“O problema deste número”*

Lurdes Serrazina

*A matemática nos primeiros anos*

Maria José Costa

*História e Ensino da Matemática*

Rui Canário

*Educação*

*Paginação e Pré-Impressão*

Gabinete de Edição da APM

*Entidade Proprietária*

Associação de Professores de

Matemática

Rua Dr. João Couto, 27-A,

1500-236 Lisboa

*Tiragem*

5000 exemplares

*Periodicidade*

Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,

Set/Out e Nov/Dez

*Impressão*

Gráfica Torriana

Fonte Santa, Paúl

2580-250 Torres Vedras

N.º de Registo ICS: 124051

N.º de Depósito Legal: 72011/93

Este número temático da Educação e Matemática lança um olhar sobre o ensino da Matemática em Portugal. Conhecer bem a situação relativamente às aprendizagens dos alunos, ao currículo, à formação de professores, às medidas de apoio às escolas, é uma condição essencial para a melhorar. Ressalvando a honrosa excepção do *Matemática 2001*, não há muito o hábito, entre nós, de se fazer este tipo de reflexão. Trata-se, no entanto, de uma reflexão necessária e urgente.

No centro das atenções têm de estar os alunos e as suas aprendizagens. Entre as várias formas possíveis de abordar esta questão, pareceu-nos que seria interessante fazer uma análise qualitativa dos processos por eles usados na resolução de questões matemáticas. Tomamos como ponto de partida o seu trabalho em itens de provas de aferição. Na verdade, trata-se de itens susceptíveis de nos darem muita informação interessante sobre os pontos fortes e fracos dos nossos alunos. Todos sabemos que o que eles fazem nestes itens não revela tudo o que há para saber sobre a sua aprendizagem; mas revela alguma coisa e esse alguma coisa é importante que se discuta.

Damos também atenção aos professores — em especial às suas práticas e à sua formação inicial. Muito se tem trabalhado em Portugal neste campo, mas o que se tem feito nem sempre é bem conhecido. Como são os cursos de formação inicial? Os novos professores estão a ser bem preparados? Os cursos existentes são bem estruturados? Como são as práticas profissionais? Tem havido mudanças substanciais no modo como os professores trabalham na sala de aula? Existe uma nova cultura profissional? Não existindo instrumentos padronizados para responder a estas questões, procurámos incluir artigos de reflexão baseados em relatórios de avaliação e em estudos de investigação.

Outros artigos e contribuições, incluindo uma mesa-redonda com participantes de diversos níveis de ensino e uma reportagem de uma escola, referem-se a aspectos como o percurso escolar dos alunos, as percepções dos professores sobre as suas dificuldades, as condições de trabalho nas escolas, as iniciativas dos professores, a qualidade dos materiais curriculares, a evolução do currículo, etc.. Obtemos assim um quadro vivo do que presentemente acontece e quais são os desejos e preocupações dos diversos actores educativos.

A leitura deste número da revista mostra que não faltam no nosso país boas ideias relativamente ao currículo e à prática pedagógica, nem falta o entusiasmo para as concretizar. Mostra também que as aprendizagens dos alunos, em muitos pontos, ficam aquém do que todos gostaríamos. Saber como ligar os dois aspectos, ou seja, como usar as boas ideias e as energias para conseguir os resultados desejados, é talvez o maior desafio que se coloca a todos os que se interessam genuinamente pela educação matemática no nosso país.

João Pedro da Ponte  
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa